

Stigger, Marco Paulo; Branco Fraga, Alex; Molina Neto, Vicente

Os editoriais contam histórias: experiências do ofício de editor na Revista Movimento
Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol. 36, núm. 4, octubre-diciembre, 2014, pp. 790-801
Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
Jardim Botânico Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401334040013>

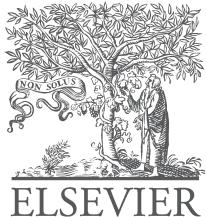


Revista Brasileira de Ciências do Esporte,

ISSN (Versão impressa): 0101-3289

rbceonline@gmail.com

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
Brasil



Revista Brasileira de
CIÊNCIAS DO ESPORTE

www.rbceonline.org.br



ARTIGO ORIGINAL

Os editoriais contam histórias: experiências do ofício de editor na *Revista Movimento*

Marco Paulo Stigger^{a,d,*}, Alex Branco Fraga^{b,d}, Vicente Molina Neto^{c,d}

^aPrimeiro editor da Revista Movimento. Editor nos períodos 1994-1996 e 2002-2012. Atualmente membro da Comissão Editorial do periódico

^bAtual editor chefe da Revista Movimento desde 2009

^cEditor da Revista Movimento nos períodos 1999-2002 e 2005-2009. Atualmente membro do Conselho Editorial do periódico

^dDepartamento de Educação Física; Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Recebido em 19 de julho de 2013; aceito em 13 de outubro de 2013

PALAVRAS-CHAVE

Revista científica;
Divulgação científica;
Educação física

Resumo Este texto trata de experiências relativas ao ofício de editor da revista Movimento, periódico da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, narradas a partir dos editoriais que marcaram seus 18 anos de existência. Foram extraídos três tópicos que representam diferentes momentos de consolidação do periódico: 1) surgimento, especialização e profissionalização; 2) visibilidade e diálogos com a área de conhecimento; 3) constituição de um “capital” acadêmico. Reconstruir este processo foi uma das formas de contar a história de uma revista que nasceu em um momento adverso à publicação na área e se consolidou como uma revista importante no cenário da produção científica em Educação Física.

© 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Todos os direitos reservados.

KEYWORDS

Scientific journal;
Scientific
dissemination;
Physical education

Editorials tell stories: experiences of the job of editor in *Movimento* journal

Abstract This text is about the experiences related to the work as the editor of *Movimento* journal, a periodic of the Physical Education School of the Federal University of Rio Grande do Sul, narrated from the editorials that marked its 18 years of existence. Three topics were extracted, representing different moments of consolidation of the periodic: 1) creation, specialization and professionalization; 2) visibility and dialogues with the area of knowledge; 3) constitution of an academic “capital”. Rebuilding this process was one of the ways of telling the story of a magazine that was born in an adverse moment for publication in the area and has settled itself as an important magazine in the scenery of scientific production in Physical Education.

© 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Published by Elsevier Editora Ltda. All rights reserved.

*Autor para correspondência.

E-mail: stigger.mp@gmail.com (M.P. Stigger).

PALABRAS CLAVE

Revista científica;
Divulgación científica;
Educación física

Los editoriales cuentan historias: experiencias del oficio del editor en la Revista *Movimiento*

Resumen Este texto trata sobre experiencias relativas del oficio del editor de la Revista *Movimiento*, periódico de la Escuela Superior de Educación Física de la Universidad Federal do Rio Grande do Sul, narradas a partir de los editoriales que marcan sus 18 años de existencia. Fueron extraídos tres tópicos que representan diferentes momentos de consolidación del periódico: 1) surgimiento, especialización y profesionalización; 2) visibilidad y diálogos con el área de conocimiento; 3) constitución de un “capital” académico. Reconstruir este proceso fue una de las formas de contar la historia de una revista que nació en un momento complicado a la publicación en el área y se consolidó como una revista importante en el escenario de la producción científica en la Educación Física.

© 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Todos los derechos reservados.

Num momento em que se vive uma atmosfera acadêmica pautada por uma lógica produtivista, não é por acaso que a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) coloca na sua pauta o interesse pelas discussões e reflexões acerca do “funcionamento” dos periódicos científicos que têm interface com a Educação Física brasileira. Orientados por um importante papel que historicamente a RBCE vêm cumprindo nesse universo, seus editores provocam seus colegas a compartilharem “as experiências editoriais (desafios, dificuldades e possibilidades) da revista em que exercem o ofício de editor”.¹

Quando dizemos que “não é por acaso” que esse tema está na pauta da RBCE, é pelo fato de que acreditamos que faz todo o sentido tentar entender como vêm se efetivando essas experiências editoriais em trajetórias particulares, num contexto em que os periódicos científicos ocupam um papel central no desenvolvimento da pesquisa científica e, consequentemente, na formação em Educação Física. Isso porque, além da difusão do conhecimento produzido nesse campo acadêmico, as revistas têm sido fundamentais no que se refere à avaliação de pesquisadores e de programas de pós-graduação, aspecto que repercute nos cursos de graduação. É nessa perspectiva que acreditamos ser relevante dialogar sobre esse tema à luz de experiências singulares.

Também acreditamos que apesar dos periódicos terem em comum o fato de estarem sendo conduzidos por uma lógica – nacional e internacional – que os coloca num determinado “lugar” no cenário acadêmico, os seus editores, dentro de uma “autonomia relativa”, dirigem cada um deles numa direção possível. Isso pode ser afirmado em relação à revista *Movimento*, que no ano passado completou 18 anos de existência. Nesse período – de 1994 até agora – ela passou por vários momentos, os quais expressam uma trajetória que inicia numa época em que na Educação Física brasileira não havia uma “cultura” de produção e difusão científica em revistas, até chegarmos à conjuntura atual, na qual a produção científica e a sua difusão em periódicos atinge

um grande especialização, mas, também, uma situação de “saturação”.²

Os editoriais da Revista *Movimento* oferecem elementos para a compreensão de aspectos dessa trajetória. É por meio deles que ofereceremos a nossa contribuição, já que eles trazem importantes subsídios para a compreensão de questões acerca de como ela se construiu e vem se construindo. É por essa razão que optamos por responder ao convite dos editores da RBCE apresentando a nossa experiência a partir do que está expresso nos editoriais, identificando-os como um *corpus* empírico capaz de conduzir a nossa narrativa. E como não poderia ser diferente, a análise começa com um trecho do editorial do primeiro número, publicado em 1994: “Este primeiro número é fruto de um esforço que teve início em agosto de 1992 e que se concretiza neste momento. Para aqueles que nunca tentaram editar uma revista, pode parecer muito tempo, dois anos, entre o começo e a conclusão deste trabalho” (Stigger, 1994).

O que esse editorial não refere é que, no período de dois anos que antecedeu à publicação do primeiro número da *Movimento*, a maior dificuldade que tivemos foi obter os textos que constituiriam a sua edição inaugural. Aquele era um momento em que evidenciávamos “o nosso amadorismo” (Stigger, 1994), no que se refere especificamente ao “ofício” de editor, mas também era um período em que a produção acadêmica na forma de artigos era pouco frequente na Educação Física brasileira. Era um tempo muito diferente daquele em que a *Movimento* comemorou os seus 18 anos e, no Editorial 2012-3, aproveitávamos a ocasião para nos regozijar com o fato dela estar classificada no extrato A2 do *QUALIS/CAPES*, uma categorização que a coloca entre os melhores periódicos da área acadêmica da Educação Física no Brasil. Essa concepção de hierarquização, que no surgimento

2. Atualmente, por conta das exigências de produção acadêmica na Pós-Graduação, a maior parte das revistas científicas brasileiras tem recebido uma quantidade de artigos muito acima da sua capacidade de publicação. A *Movimento*, objeto desse artigo, recebe em torno de 400 artigos por ano e publica 60. Essa demanda determina um “processamento” do material recebido que envolve mais de 300 avaliadores que compõem o quadro de pareceristas da revista.

1. Trecho do convite encaminhado pelos editores em 18 de novembro de 2012.

da Movimento sequer existia, nos dias de hoje – e já há bastante tempo – está baseada em critérios carregados de “objetividade”, através dos quais a CAPES avalia sistematicamente os periódicos da área, levando em conta diversos aspectos, dentre os quais as bases de dados onde eles estão indexados, o seu “fator de impacto” e a análise da “identidade epistemológica” das revistas da Área 21.³

De lá para cá a Movimento sofreu muitas mudanças, as quais, mesmo que tenham ocorrido de forma não planejada, sempre foram orientadas por necessidades do seu tempo e do campo acadêmico da Educação Física, em especial da “cultura” da Pós-Graduação *stricto sensu*. Sempre estivemos pautados por uma lógica que buscava coerência com o papel social da universidade pública, mas também pela ideia de que, mesmo com discordâncias acerca dos critérios do sistema que avaliava os periódicos, deveríamos “jogar o jogo dentro das regras do jogo”. Desenvolvemos esse processo de forma muito dinâmica, com idas e vindas e mesmo tentativas e erros. Hoje nos parece não ser despropositado reafirmar o que já foi dito em artigo publicado na Movimento:

“[...] a Revista Movimento, dentro do espaço acadêmico da educação física, não foi apenas uma intermediária, por onde ‘passam artigos’. Mais do que isso [...] ela tornou-se mediadora de um processo que, simultaneamente, a constituiu. E foi nesse sentido que ela se consolidou como um importante capital acadêmico no campo da Educação Física Brasileira.” (Stigger et al., 2010, p. 149)

Assumindo esse tom, que evidentemente denuncia o nosso envolvimento na narrativa desse processo, iniciamos o nosso relato. Ele será dividido em três tópicos, relativos ao que denominaremos de diferentes “consolidações”: primeira consolidação: surgimento, especialização e profissionalização; segunda consolidação: visibilidade e diálogos com a área de conhecimento; terceira consolidação: constituição de um “capital” acadêmico.

Primeira consolidação: surgimento, especialização e profissionalização

Como já foi dito na introdução desse texto, a Revista Movimento surge em 1994, mais precisamente, em setembro de 1994. Na realidade, como também já referimos, este aparecimento começa a se vislumbrar em 1992, período no qual a Escola de Educação Física da UFRGS vivia um importante “clima” acadêmico, tanto pela quantidade de seus docentes e técnicos que retornavam de formação em Pós-Graduação no Brasil e no exterior (mestrado e doutorado), como pelo início recente, 1989, do curso de mestrado na instituição.

Apesar de que esse era um “momento” de crescimento acadêmico da instituição – o que também poderia ser dito sobre a Educação Física brasileira de forma geral⁴ – não

3. Os critérios da Área de Educação Física no WEBQUALIS estão disponíveis em <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/publico/documentosDeArea.seam>>. Acesso em: 5 maio 2013.

4. Sobre esse processo institucional da ESEF e sua correlação com os movimentos políticos no campo da formação em Educação Física no Brasil, consultar o artigo “Alterações curriculares de uma escola septuagenária: um estudo sobre as grades dos cursos de formação superior em educação física da ESEF/UFRGS” (Fraga et al., 2010).

existia, ainda, o que poderia ser chamado de uma “cultura científica”, nos termos do que acontece nos dias de hoje.⁵ Nós nos referimos aqui a um momento histórico em que as exigências por publicações não se faziam presentes como ocorre atualmente e uma época em que, mesmo dentre os professores universitários, não muitos tinham formação universitária em nível de doutorado.⁶ Muito provavelmente por essa razão que o número inaugural da Movimento demorou perto de dois anos para a sua materialização, se considerarmos a ocasião em que divulgamos a nossa intenção de “criar” um periódico científico, e também quando fizemos vários convites para potenciais autores. A dificuldade em obter os primeiros artigos fez com que a edição de número 1 fosse composta, na sua maioria, por autores oriundos da própria instituição: professores, alunos e egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Poderíamos dizer que, ironicamente, o nascimento da Movimento se deveu à endogenia que caracterizou aquela edição, algo inaceitável para o que se espera de um periódico na atualidade.

Naquele momento, até por informações de outros editores, tínhamos a noção de que estávamos apenas iniciando aquele empreendimento e que a sua continuidade/regularidade seria de fato o nosso maior desafio. No editorial do segundo número de 1995, felizes pela concretização da terceira edição da Movimento, sublinhávamos:

“No encontro de editores de revistas especializadas em Educação Física, realizado no VIII Combrace em Belém/PA, discutindo acerca das dificuldades para efetivar nossos empreendimentos, a experiência de editores mais antigos nos levou a concluir que, nesta área, o difícil não era publicar o primeiro número, e sim dar continuidade a esta tarefa.”

Apesar dessa dificuldade inicial, e da perspectiva de que teríamos muito a fazer, a Movimento já surgiu ocupando um espaço importante no que se refere à relação que pretendíamos estabelecer com a comunidade na qual ela se inseria. Essa vontade já se expressava no primeiro editorial, onde era anunciada a seção “Temas Polêmicos”.

“[...] é nossa intenção que MOVIMENTO possa abranger a pluralidade dos interesses das pessoas que atuam na área, contemplando diversas abordagens acerca do movimento humano, e consiga, sem perder a qualidade e profundidade no tratamento dos assuntos, estabelecer uma comunicação efetiva com um público diversificado.” (Stigger, 1994)

Para além da seção Temas Polêmicos – sobre a qual adiante trataremos com mais detalhes –, outras estratégias foram estabelecidas, na perspectiva de constituir uma linha editorial. As letras grandes, as ilustrações e as notas

5. Shore (2009) se refere ao método que classifica professores, pesquisadores e instituições de ensino superior, na busca de melhorar a sua produtividade. Isso se constituiria numa “cultura de auditoria” (Shore, 2009, p. 27), que induziria as pessoas a medirem-se a si próprias através de indicadores de desempenho.

6. Dentre os autores do primeiro número da Movimento, poucos eram doutores. Destes, com apenas uma exceção, todos tinham obtido essa formação havia pouco tempo.



Figura 1 Qualidade das publicações.

laterais,⁷ fizerem parte do *layout* gráfico que visava seduzir um público diversificado para a leitura da revista. Abaixo pode ser visualizado um exemplo do *design* dos primeiros números da Movimento: trata-se da primeira página de um artigo nela publicado na sua sétima edição, em 1997 (fig. 1).

Se no seu início a ideia era a de fazer com que a Movimento fosse lida por professores de educação física que atuavam “na ponta” (escolas, clubes, academias, e, inclusive, professores universitários), na medida em que ela foi se consolidando, acabou por se voltar para um público bem mais específico: docentes que atuavam na formação em nível universitário, em especial na Pós-Graduação *stricto sensu*. Foi isso que fez com que, cinco anos depois, na primeira edição de 1999, essa formatação fosse modificada, adotando-se um modelo mais próximo do “padrão” das publicações científicas. Foi quando “aumentou-se o espaço virtual, eliminando-se as ilustrações apresentadas no início de alguns artigos e retirando-se o espaço destinado às notas laterais, denominadas ‘chamadas de páginas’” (Souza, 1999).

Esses aspectos relativos “à forma” do periódico faziam parte de um conjunto de iniciativas com as quais pretendíamos estabelecer uma maior comunicação com os leitores e também tornar a Movimento uma revista de referência na Educação Física brasileira. A sua boa aceitação junto e essa comunidade acadêmica, já destacada no segundo editorial de 1995, nos estimulou de tal forma que chegamos a pensar em aumentar número de edições anuais: “consideramos que nossa revista está consolidada: no IX Combrace, em Vitória/ES, tivemos a aprovação de em torno de 90 colegas que fizeram suas assinaturas” (Stigger, 1995).

7. Essas notas, denominadas de “chamadas de páginas”, tinham o objetivo de realçar pontos que os autores considerassem mais importantes em cada texto. As normas da revista previam que os autores, ao submeterem os artigos, definissem esses destaques.

Essa alteração ocorreu apenas a partir de 2002, quando o periódico passa a ser quadrimestral, e teve continuidade em 2009, quando a Movimento começa a publicar suas edições a cada 3 meses, passando, então, para 4 edições anuais. O principal objetivo dessas transformações era “dar vazão à crescente produção científica da área de conhecimento” (Editorial, 2002a). Na primeira edição de 2002, a revista também passou a “priorizar e ampliar o número de artigos originais, sobretudo aqueles resultantes de investigações recentemente acabadas e das pesquisas com trabalho empírico bastante adiantado” (Editorial, 2002a). Esse era um novo momento da Educação Física brasileira, época em que a produção acadêmica em programas de pós-graduação em educação física era induzida⁸ de forma mais sistemática do que em períodos anteriores, e também avaliada segundo determinados critérios que exigiam o incremento de publicação por parte de todos os professores envolvidos. Por consequência, a quantidade dessa produção começou a aumentar e a revista Movimento necessitava dar respostas a essa demanda por espaço para publicação.

Essas situações são exemplos do que afirmamos na introdução desse texto, quando dissemos que o desenvolvimento da revista ocorreu de forma não planejada, mas orientada por necessidades do campo acadêmico da Educação Física.

Alguns anos após ocorreu o que poderia ser denominado de “profissionalização” da revista Movimento. Talvez fosse mais correto dizer que isso “foi ocorrendo” entre 2003 e 2006, já que, em termos cronológicos “exatos” não podemos precisar essa etapa. Esse processo está relacionado com pelo menos dois aspectos: o primeiro deles foi a participação mais efetiva de um maior número de pessoas nas atividades afetas às tarefas editoriais⁹; o segundo foi o envolvimento da biblioteca da Escola de Educação Física, o que significou a utilização desse espaço físico e também o apoio da equipe do setor. Isso fez com que, pouco a pouco, pessoas com qualificação profissional específica fossem agregadas à equipe editorial do periódico, ao ponto de, atualmente, a revista contar, inclusive com um profissional especializado na “editoração” dos artigos.

Assim, se em determinado momento a revista saiu “da gaveta” do seu editor, foi instalada num “armário” e passou a ser produzida com um maior número de colaboradores, agora ela “adquiriu” uma sala na biblioteca e passou a “funcionar” dentro de uma lógica de trabalho coletivo, com a participação “institucionalizada”¹⁰ de professores, bibliotecárias, servidores técnico-administrativos, estudantes de pós-graduação voluntários, e bolsistas remunerados.

8. Nos referimos a uma política indutiva do Estado Brasileiro que vem se estabelecendo por consecutivos planos nacionais de Pós-Graduação, desde 1975 (I PNPG). Da sua 3ª edição em diante (1986), a prioridade, antes dada à docência no ensino superior, se voltou para a formação de pesquisadores (Kuenzer; Moraes, 2005), aspecto que repercute nas exigências relativas à produção científica. Na Educação Física brasileira, é possível afirmar que isso se torna mais evidente a partir dos anos 2000.

9. Em 1994, revista iniciou com apenas e envolvimento direto de um editor; em 2003 já havia três professores compartilhando esse “ofício” e uma bibliotecária que assumia as tarefas de caráter mais “técnico”.

10. No sentido de que passam, dentre as suas tarefas profissionais “da instituição”, estavam incluídos os afazeres relativos à revista Movimento.

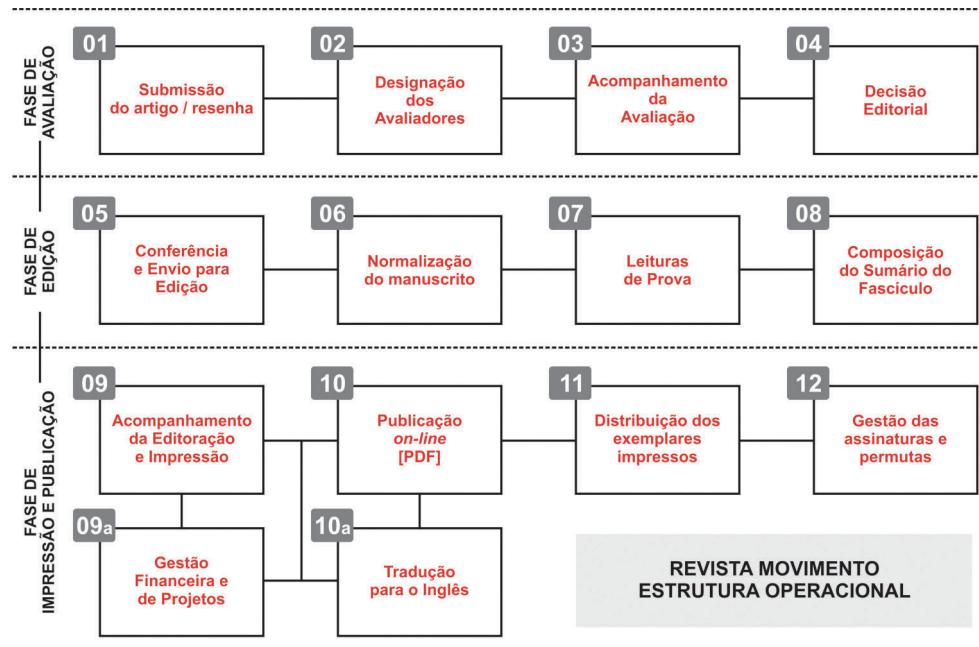


Figura 2 Fluxograma de trabalho.

Foi quando foram iniciadas as reuniões sistemáticas (semanais, quinzenais), produziram-se atas dessas reuniões e passou-se a distribuir tarefas de forma ordenada. O fluxograma¹¹ abaixo, recuperado de uma ata de reunião realizada em julho de 2009, diz um pouco acerca de onde chegaram os esforços no sentido da sistematização do trabalho da equipe editorial. Cada uma das etapas nele estabelecidas eram cumpridas dentro da “especificidade” de cada membro da equipe editorial (fig. 2).

Essa “estrutura operacional”, que teve início por volta de 2006, mesmo que apresentasse os limites de qualquer realização de trabalhos coletivos, efetivamente se materializava. Essas reuniões, apesar dos esforços de todos, nem sempre eram sistemáticas, tendo em vista que os membros da equipe tinham outros envolvimentos na instituição. Vale então compartilhar com os leitores¹² que, em que pese à ocorrência do que nomeamos “profissionalização” e/ou “institucionalização” da revista, isso não implicou em algum tipo de “compensação”, no que se refere às horas de trabalho na Escola de Educação Física, por servidores que atuavam na Movimento. Com isso queremos dizer que a participação na editoria da revista sempre esteve (e ainda hoje está) carregada de “abnegação” e disponibilização “pessoal” para as tarefas demandadas por esse empreendimento. A partir disso, consideramos que o “ofício de editor” e também dos demais colaboradores dos periódicos científicos “em geral”¹³ acaba por ser “invisível”, tanto se levarmos

em conta o desconhecimento que grande parte da comunidade acadêmica tem sobre “os bastidores” de um periódico, como se pensarmos no pouco reconhecimento dado a esse “ofício”, na medida em que não são muitos os “retornos” oferecidos àqueles que assumem esse tipo de atividade.

Entre as tantas questões relativas aos “bastidores”, cabe destacar uma que nos parece relevante, recentemente pontuada no Editorial (2012a), mas que sempre fez parte das nossas funções: “não raramente, temos recebido críticas e reclamações por parte de autores que vêem seus artigos rejeitados” (Editorial, 2012a), aspecto compreensível num momento em que a produtividade científica é tão valorizada e exigida. Esse é um dos temas bastante delicados desse “ofício”, já que, de um lado temos os pareceristas, de quem esperamos pareceres rigorosos, e de outro se encontram os autores, que perspectivam a aprovação dos seus textos. Na realidade, pareceristas e autores acabam sendo as mesmas pessoas, que se revezam nessas “funções”. Eles constituem a comunidade acadêmica dessa área de conhecimento e são eles que estão dentre aquelas pessoas que “fazem” o periódico, constituindo-se parte do seu “capital acadêmico” (Stigger et al., 2012). Ao analisarmos nessa perspectiva, somos levados a considerar que a rejeição de um texto significa – também pelo reconhecimento que a revista tem alcançado e pela forma rigorosa com que são avaliados os artigos submetidos – que, na perspectiva dos “pares” do autor, aquele trabalho está aquém do que se espera de um documento a ser publicado num periódico “do nível” da Movimento. Assim, em articulação com o campo acadêmico, a Movimento passou a ser constantemente demandada a se tornar ainda mais qualificada e, por conta disso, efetivamente se qualificou. O mesmo ocorreu no sentido oposto: nessa interação, pautados pelas novas demandas da Movimento, os demais

11. Esse fluxograma foi desenvolvido pelo Prof. Dr. Mauro Myskiw, à época doutorando no Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano/UFRGS e colaborador voluntário na Movimento.
12. E esse é um dos sentidos desse texto: compartilhar experiências.
13. Mesmo com um risco de generalização, acreditamos que essa afirmação não é despropositada.

participantes desse processo (autores e pareceristas) foram provocados a qualificar a sua atuação. Essa relação de mútua cobrança do campo acadêmico, bem como seus reflexos na qualificação da Movimento, foi expressa num editorial da revista:

“Uma revista científica nem sequer surge se não tiver credibilidade acadêmico-científica, e isto só se alcança com a submissão de artigos por parte dos autores da área, com a avaliação criteriosa dos pareceristas e com a abnegação de todos aqueles que de algum modo colaboram para que a Movimento aconteça.” (Editorial, 2009b)

Quanto ao reconhecimento específico aos editores de periódicos, na maior parte das vezes professores atuantes na pós-graduação *stricto sensu*, essa tarefa – que demanda grande investimento pessoal e profissional - nada adiciona à pontuação estabelecida para a manutenção desses docentes nesse âmbito de ensino e pesquisa. O mesmo pode ser dito a respeito dos “pareceristas” que disponibilizam muito do seu tempo avaliando artigos, não raramente em vários periódicos. Em recente editorial tratamos desse assunto:

“Pelo que afirmou o coordenador da área 21, André Rodacki, no evento comemorativo aos 18 anos da revista Movimento, a Capes estuda introduzir no sistema de avaliação da pós-graduação pontuação proporcional ao árduo trabalho de editores, conselheiros editoriais e revisores *ad hoc*, que são os responsáveis por manter de forma abnegada o legado científico-cultural construído a duras penas pelos pesquisadores brasileiros. Tal iniciativa é alvíssareira, pois promete trazer maior celeridade a todo o processo, como também maior comprometimento da comunidade acadêmica com a qualificação da produção e da avaliação.” (Editorial, 2012b)

Não é demais ressaltar que o comprometimento dos pareceristas sempre se mostrou fundamental para os editores da Movimento, o que muitas vezes foi manifestado nos editoriais, tanto pelo reconhecimento público do trabalho realizado, como por agradecimentos pelo esforço despendido: “a Revista Movimento quer dar a sua contribuição através da seleção e publicação de bons artigos que, avaliados por pareceristas altamente qualificados, gerem efeitos relevantes na área de conhecimento” (Editorial, 2007a); “Desde já agradecemos pelo esforço e dedicação desses pareceristas e à sua contribuição para a qualificação do conhecimento produzido na área e difundido pela revista Movimento” (Editorial, 2007b); “Talvez se possa ainda dizer que esse campo de estudos vem amadurecendo, o que se reflete em maiores exigências por parte dos pareceristas” (Editorial, 2010b); “Muitas vezes tal processo pode se tornar moroso - o que requer certa compreensão por parte de autores – dadas as disponibilidades e impossibilidades de nosso corpo de pareceristas, trabalhadores como todos nós e que contribuem graciosamente conosco” (Editorial, 2011a).

Porém, em que pese o fato de em vários editoriais termos agradecido pelo trabalho “generoso”, árduo e “invisível” desses pesquisadores, a título de “relato da experiência acumulada no exercício dessa função”, também deve ser dito que essa relação nem sempre ocorreu de acordo com

o esperado pelos editores. Sobre isso, devemos esclarecer que um editor que encaminha um trabalho para ser avaliado por um parecerista *ad hoc* tem a expectativa de receber um parecer que sustente, de forma segura, uma decisão editorial para a recomendação favorável ou contrária à publicação do manuscrito sob sua análise. Como nem sempre as recomendações favoráveis ou contrárias se dão de uma forma tão consubstanciada quanto deveria, os editores às vezes são obrigados a desconsiderá-las e a solicitar outra opinião. Quando isso ocorre, o processo editorial sofre atrasos e, além de acarretar insatisfação por parte dos autores, pode passar uma falsa impressão de dificuldade no planejamento de metas para diminuição do ciclo avaliativo completo dos artigos submetidos.

No mesmo editorial, em diálogo com um dos editoriais da RBCE, continuávamos a tratar desse tema, agora nos referindo às possibilidades de avanços, também, em políticas públicas de apoio aos periódicos científicos:

“[...] é também preciso tratar do problema da profissionalização do processo de gestão dos periódicos, pois o patamar alcançado pelas revistas nacionais não mais se sustenta apenas com denodo e abnegação. CNPq e Capes têm procurado incentivar o processo de editoração com a abertura de editais anuais, recursos que sem dúvida ajudam a manter as revistas no ano da contemplação, mas para que as revistas nacionais possam manter o padrão de qualidade alcançado é preciso uma política de estado que de fato as eleve à condição de patrimônio científico-cultural.” (Editorial, 2012b)

Segunda consolidação: visibilidade e diálogos com a área de conhecimento

Não apenas por decorrência da “profissionalização” da equipe, mas também por essa razão, obtivemos as condições para outros progressos, dentre os quais a adoção do formato eletrônico via plataforma SEER (Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas) e a disponibilização de artigos também em língua estrangeira. Essas foram importantes estratégias adotadas pelos seus editores, as quais contribuíram para dar visibilidade ao periódico e também para favorecer o diálogo com a comunidade científica da Educação Física.

Porém, antes delas, houve uma decisão editorial que, já nas origens da Movimento, se pautava por esses objetivos. Referimos-nos aqui à seção “Temas Polêmicos”, a qual, já no primeiro número da revista, “movimentou” o campo acadêmico, provocando-o a pensar sobre especificidades da sua área de conhecimento.¹⁴ Era isso que perspectivávamos já no primeiro editorial:

“Foi a preocupação em estabelecer realmente a comunicação que nos levou a criar a seção Temas Polêmicos, onde o espaço para o pensamento divergente será garantido, proporcionando um ambiente aberto à reflexão que contribua para o movimento do conhecimento da área.” (Stigger, 1994)

14. Esse primeiro debate está disponibilizado nas edições 1 (1994), 2 (1995) e 4 (1996).

Os frutos desse primeiro debate vieram de imediato. Talvez não tanto pelo seu “conteúdo”, mas muito pelo “clima” que se estabeleceu, o que nos deixou a certeza de que o objetivo tinha sido atingido e que a proposta vingou. Para que se tenha uma ideia dessa repercussão, a partir do debate original, outros seis artigos foram publicados na revista em resposta ao primeiro. Além disso, uma dissertação de mestrado foi defendida tendo aquele debate como objeto (Malina, 2001) e, em 2011, no XVII CONBRACE/IV CONICE, foi realizada uma mesa redonda com quatro dos primeiros debatedores da primeira versão dos Temas Polêmicos, momento em que foi possível “reviver” o debate original. Em números posteriores da Movimento, buscamos dar continuidade a essa política editorial, sempre colocando “na pauta” temas afetos à Educação Física, que tivessem atualidade e relevância acadêmica e social.

Existiram, também, outras estratégias que buscavam a comunicação da Movimento com a comunidade acadêmica e com espaços sociais diferenciados, como as seções “Mercosul” e “Em Foco” que, entre as “idas e vindas” já referidas, tiveram suas alterações e diferentes períodos de “sobrevivência”. Essas mudanças eram anunciadas nos editoriais: “A inovação nessa edição vai por conta da Seção Mercosul, cujo objetivo é aprofundar o diálogo com estudantes, professores e pesquisadores da Comunidade IberoAmericana” (Editorial, 2000b):

“Na seção EM FOCO, estarão reunidos trabalhos dentro de uma temática que será eleita pela Comissão Editorial, como o assunto daquela edição; a intenção, aqui, é – a partir de diferentes abordagens e autores – possibilitar um espaço para que seja focalizado, a cada número, um tema, em particular.” (Editorial, 2003a)

Sobre o formato eletrônico, inicialmente o disponibilizamos sem o abandono da edição em papel. Essa decisão foi tomada por conta do significativo acesso à edição “física” da revista, verificado especialmente na biblioteca da ESEF/UFRGS, majoritariamente por estudantes. Outro argumento a favor da manutenção da edição física da revista eram as possibilidades de permuta com outras bibliotecas. Um pouco mais adiante, fundamentalmente pelas dificuldades que o trabalho de impressão dos fascículos trazia, e também pelos custos daí advindos, “nos rendemos” à produção editorial somente “virtual”.

A publicação de artigos em língua estrangeira foi outro investimento que demandou grandes esforços da equipe da revista Movimento. Isso se deu pela perspectiva de oferecer visibilidade ao periódico e, decorrente disso, pelo interesse em elevar a qualidade da revista a um padrão “internacional”. Com apoio do Ministério do Esporte, inicialmente conseguimos recursos para tradução de artigos para a língua inglesa – posteriormente, o mesmo ministério apoiou a Movimento para a tradução para o espanhol. A disponibilização de artigos na língua inglesa foi anunciada e iniciada no editorial do primeiro número de 2008:

“O ano de 2008 nos reserva alguns desafios, como, por exemplo, editar a revista em outros idiomas para dar maior visibilidade e circulação à produção nacional. Esperamos ainda nesse ano editar a Movimento em inglês.

Creamos que a área de conhecimento Educação Física, pela qualidade de seus pesquisadores e pelo volume de sua produção, necessita de uma revista nacional que alcance o ‘B Internacional’.”¹⁵ (Editorial, 2008a)

Mesmo que não tenhamos os melhores elementos para avaliar até que ponto essa estratégia foi importante para o aumento do reconhecimento do periódico junto à comunidade acadêmica, não temos dúvidas de que as publicações da Movimento têm sido acessadas significativamente, também em língua estrangeira. Dentre outros que poderíamos citar, trazemos aqui alguns exemplos buscados aleatoriamente na página da revista no SEER: o artigo “Percepções de Competência: Um Estudo com Crianças e Adolescentes do Ensino Fundamental” (Almeida et al., 2009) foi acessado 2388 vezes na versão em português e 872 ocasiões na versão em inglês; o trabalho “A Constituição de um Subcampo do Esporte: o Caso do Taekwondo” (Pimenta, Marchi Júnior, 2009) foi procurado por leitores 1998 vezes na opção em português e 994 na sua variante em inglês.

Em que pese não termos um levantamento abrangente sobre esses dados, esses exemplos permitem perceber que, quando disponibilizadas,¹⁶ as edições em língua estrangeira acabam aumentando a visibilidade da revista Movimento¹⁷ e, dessa forma, contribuem minimizar uma preocupação de Meneghini e Packer (2007), que consideram que grande parte da ciência desenvolvida por países periféricos se transforma em “ciência perdida”, já que não será conhecida pelos países centrais.

Esse assunto se insere em uma discussão que não é recente, acerca da hegemonia da língua inglesa no universo acadêmico, situação em que os editores procuram se adaptar, buscando estratégias para “sobreviver” e “se manter” no mercado científico internacional, alguns adotando unicamente a língua inglesa, outros publicando artigos tanto em inglês como no idioma nacional. No caso da revista Movimento, apesar de termos nos esforçado para publicar artigos em língua estrangeira (inglês e espanhol), e até reconhecendo que o inglês é a “língua internacional da ciência”, nunca fez parte das discussões de “bastidores” a possibilidade de “abandonar” a língua portuguesa no processo editorial, pois nossa língua é um patrimônio cultural imaterial da nação, e como tal, deve ser preservada.

Também acompanhando demandas em grande medida originárias da pós-graduação da área, passamos por uma etapa onde a revista se “especializou”, mantendo um escopo voltado para publicações sobre temas relativos à educação física, mas agora orientado para a interface específica com a produção de conhecimento vinculada à

15. Classificação do QUALIS CAPES à época.

16. Já há muito tempo, temos traduzidos textos para o inglês e o espanhol, porém, as demais tarefas editoriais têm dificultado a “postagem” desse material no site da Movimento, no tempo que gostaríamos. Os exemplos citados foram escolhidos aleatoriamente, mas também levando em conta o período (nesses casos, já relativamente longo) de exposição.

17. Sobre a visibilidade das revistas de Educação Física em bases de dados, consultar o artigo Invisibilidade das revistas brasileiras de educação física nas bases de dados (Job; Fraga; Molina Neto, 2008).

área “sociocultural-pedagógica”.¹⁸ Tal especialização foi implementada no primeiro número de 2003, quando a Movimento completava nove anos de existência.

Tivemos duas razões para essa tomada de decisão. A primeira delas prendeu-se à necessidade de nos adaptarmos a um momento histórico em que surgiam, de forma mais contundente, várias exigências relativas à padronização dos periódicos científicos, tanto em âmbito nacional como internacional.¹⁹ Nesse contexto, um critério que atribuía qualidade aos periódicos se ligava à valorização da sua especialização numa área de conhecimento em particular, aspecto que – de acordo com as orientações que recebemos – fazia com que as revistas do tipo “guarda-chuva”²⁰ não fossem “bem vistas” no universo acadêmico científico.

A decisão pelo escopo sociocultural-pedagógico não se deu sem disputas internas. Por diferentes razões, havia quem defendesse que a especialização da revista deveria ter sido em direção à interface com a área “biodinâmica”. Mas após algum tempo de debates – e mesmo conflitos – nos demos conta que a própria comunidade acadêmica já havia tomado essa decisão. A partir de um levantamento dos artigos publicados à época, verificamos que mais de 75% dos artigos publicados na Movimento eram, até então, originários da área sociocultural-pedagógica. Os mesmos dados também nos levaram a perceber que havia, dentre os pesquisadores advindos dessa área, proporcionalmente um maior número de doutores e professores de cursos de pós graduação da área sociocultural-pedagógica do que de outras áreas de conhecimento. Dessa forma, tanto quantitativamente (número de artigos) como qualitativamente (atributos dos autores) encontramos argumentos para justificar a especialização da Movimento como um periódico “da Educação Física” com escopo vinculado à interface com a área sociocultural-pedagógica. O editorial do primeiro número de 2003 anunciou essa alteração aos nossos leitores:

“Todos aqueles que vêm acompanhando a dinâmica da Revista Movimento, tomaram conhecimento de que, após profícias reflexões de que ela foi objeto nos últimos meses, os responsáveis pela sua publicação concluíram que a sua linha editorial deveria ser demarcada pela especialização e não mais pelo seu caráter ‘guarda-chuva’. Como foi sublinhado no editorial do número que antecedeu a este, a decisão de consolidá-la numa nova perspectiva, agora voltada para as ciências humanas e sociais, se sustentou na forma como a revista veio se constituindo durante a sua história, na necessidade de adequá-la aos padrões técnicos para a indexação em bases de dados nacionais

18. No contexto da Educação Física Brasileira coexistem diferentes olhares sobre os objetos que lhe são afetos. Manoel e Carvalho (2011) apontam para duas perspectivas científicas de três diferentes subáreas que coexistem na Educação Física: a “biodinâmica”, a “sociocultural” e a “pedagógica”. Tendo em vista as suas aproximações teóricas e epistemológicas, nesse texto trataremos as subáreas “sociocultural” e “pedagógica” como uma só perspectiva científica: “sociocultural-pedagógica”.

19. À época, consultamos um “manual” sobre editoria científica disponibilizado pela Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) e também recebemos orientações de profissional atuante na Editora da UFRGS.

20. Revistas que acolhem artigos de diferentes temas e áreas de conhecimento.

e internacionais, e ainda na intenção de vinculá-la às linhas de pesquisa desenvolvidas por pesquisadores da instituição.” (Editorial, 2003b)

Esse foi um momento importante e uma decisão que em muito repercutiu na “vida” da revista Movimento dali em diante, pois aí foram lançados os alicerces sobre os quais o periódico se construiu e consolidou um lugar específico no campo acadêmico da Educação Física, assunto que trataremos na próxima seção. No editorial do terceiro número de 2009, quando a revista “debutava” (comemorávamos os seus 15 anos de existência), assim relatamos esse momento:

“O impacto desta decisão foi expressivo. Em dezembro de 2005, quando fizemos um levantamento desde dezembro de 2002 para questionar os critérios que levaram à CAPES a não reconhecer a Movimento como um dos importantes periódicos brasileiros da área, a revista publicou oito números e um total de 68 artigos. Destes, em números arredondados, 78% foram artigos originais de pesquisa, 12% foram ensaios e 10% foram resenhas. Quanto à titulação dos autores desse período, 57% eram doutores e/ou pós-doutores, 16% eram mestres e 27% estavam no grupo dos graduados, especialistas e estudantes de iniciação científica, que habitualmente publicam em co-autoria com seus orientadores e membros de grupos de pesquisa. Dali em diante publicaram na revista Movimento pesquisadores estrangeiros do Canadá, de Portugal, da Espanha, da França, da Alemanha, da Argentina e do México. Além disso, nosso Conselho Editorial conta hoje com pesquisadores das universidades de Braunschweig (Alemanha), de Copenhague (Dinamarca) de Pádua (Itália), de Paderborn (Alemanha), do Porto (Portugal) e de Valência (Espanha), o que indica uma forte investida rumo à internacionalização do nosso periódico.” (Editorial, 2009b)

Terceira consolidação: a constituição de um “capital acadêmico”

Não temos dúvidas de que tudo o que foi narrado nos tópicos anteriores está diretamente relacionado à condição alcançada pela Movimento sob o ponto de vista de quem vive o seu dia-a-dia. A maior parte do que foi relatado acima se refere às estratégias adotadas e aos aspectos estruturais que vieram dando sustentação para a revista chegar onde chegou. Porém, deve-se destacar que esta posição não foi alcançada mediante uma trajetória linear, sem disputas, ou mesmo conflitos. Na realidade, através dos seus editores, a revista Movimento sempre necessitou “lutar” para atingir tal reconhecimento, na medida em que, quando se especializou como um periódico com escopo sociocultural-pedagógico, ela se colocou na “contramão” de uma hegemonia que parece existir na Educação Física brasileira (Stigger *et al.*, 2012). É isso que deixamos para tratar nesse tópico, mesmo que brevemente.

Esse assunto ficou evidente nas análises que fizemos dos editoriais, esses que expressam a presença e os posicionamentos da Movimento em relação com diversos acontecimentos vinculados ao universo editorial e ao campo científico da Educação Física, em especial da pós-graduação.

Sempre entendendo que o “campo científico” é um “campo de lutas” como outro qualquer (Bourdieu, 1983), não foram poucas as vezes que os editoriais da Movimento expressaram o pensamento dos seus editores, na perspectiva de, assim como outros “agentes” sociais, interferir nos processos de avaliação da pesquisa e pós-graduação.

No primeiro editorial de 2001, época em que os periódicos haviam sido recentemente hierarquizados dentro do sistema QUALIS, nos posicionávamos expressando a nossa insatisfação com a posição atribuída a Movimento:

“Findou há poucos dias o processo de avaliação dos Programas de Pós-Graduação das áreas Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional realizado pela CAPES. O seu pilar principal foi o QUALIS, um instrumento elaborado em conjunto pelos pesquisadores da grande área da saúde, que classifica os periódicos e as revistas científicas valendo-se de critérios e indicadores de qualidade tanto no que se refere ao conteúdo dos textos publicados, quanto nos seus aspectos editoriais. No intento de avaliar qualitativamente a repercussão da produção científica no âmbito da Educação Física e das Ciências do Esporte, os critérios do QUALIS são revisados periodicamente. Para os autores e também para os editores, esse fato é decisivo no crescimento do nível de exigência que nos fazemos todos os dias, quando tratamos de dar publicidade às nossas pesquisas e dialogar com nossos pares. Todavia, a falibilidade é uma categoria presente nos instrumentos e processos de avaliação. Assim, a Revista Movimento, um periódico com tradição, periodicidade, representatividade na área, cujo teor de suas sessões já inspirou várias dissertações de mestrado e, sobretudo, uma revista lida pela comunidade acadêmica, na última versão desse instrumento de avaliação foi classificada aquém das nossas expectativas.” (Editorial, 2001)

Apesar dessa “reclamação”, e de outras que mais adiante se sucederam, os editores da revista sempre estiveram cientes de que “o jogo é jogado dentro da regra do jogo”, o que fez com que sempre se mostrassem dispostos a participar das disputas do campo. Isso se relaciona com a noção de “interesse”, no que se refere ao viver no jogo do campo científico, ou ainda, a “estar preso ao jogo e acreditar que vale a pena jogar” (Bourdieu, 2004). É por essa razão que, como também mostram os editoriais, a Movimento fez muitos esforços para se qualificar, tanto cumprindo as normas vigentes como provocando a reflexão sobre os critérios pelos quais eram avaliadas as revistas acadêmicas afetas à Educação Física. Evidências disso são os exemplos abaixo, escolhidos entre os inúmeros²¹ excertos de editoriais que expressam esforços de adequação da Movimento às lógicas avaliativas vigentes e o seu posicionamento “político” no campo científico:

“A grande novidade a ser anunciada neste número é que a Revista Movimento acaba de ser indexada na base Latin American Periodicals Tables of Contents – LAPTOC

21. É importante esclarecer que os editoriais da Movimento oferecem muito mais elementos do que aqui foi utilizado. Tendo em vista os limites de um artigo como esse, “escolhemos” alguns excertos que consideramos suficientes para sustentar esse relato.

<http://www.lanic.utexas.edu/project/arl>, uma base de dados sob a responsabilidade da Association of Research Libraries (ARL).” (Editorial, 2002b)

“[...] a Revista Movimento acaba de ser indexada no Sport Discus. Isso significa que, segundo o Qualis da área de conhecimento oficializado pela CAPES, esse periódico passa a ser classificado na categoria ‘C Internacional’.” (Editorial, 2004)

“Informamos, também, que a revista Movimento a partir de junho, está indexada no Latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal.” (Editorial, 2007b)

“[...] a revista Movimento acaba de ser incluída no Portal de Periódicos da CAPES. [...] nossa firme crença de que a socialização rápida e gratuita do conhecimento produzido pela comunidade científica contribui para o desenvolvimento humano e social do país, e contrapõem-se às estratégias que transformam a indexação de periódicos científicos em ‘business’.” (Editorial, 2007c)

“[...] obtivemos nos primeiros dias de 2008, a aprovação para indexação da Movimento na Literatura Latino-Americana de Ciências da Saúde (LILACS).” (Editorial, 2008a)

“[...] recebemos a notícia de que a Movimento havia obtido a indexação na Isi-Thomson-Reuters. Esse fato movimentou bastante o campo acadêmico da Educação Física Brasileira, o que foi perceptível pelas inúmeras mensagens que recebemos.” (Editorial, 2009c)

“Em junho de 2010 a Revista Movimento passou a fazer parte do acervo do Sistema de Información Científica Redalyc, uma das mais importantes redes de revistas científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal, com sede em Toluca no México.” (Editorial, 2010a)

Esses editoriais representam uma pequena parte de um longo processo de lutas em busca do reconhecimento institucional da revista Movimento, no âmbito da CAPES, especificamente no que se refere a sua inserção em “indexadores” reconhecidos pela comunidade científica e “exigidos” como critérios para classificação dos periódicos no sistema QUALIS.²² Uma análise detalhada do conjunto das manifestações dos vários editores mostraria que nem sempre esses esforços redundaram nos efeitos esperados, fatos esses que os levaram a seguir sistematicamente “lutando” por essa “distinção”, considerada “legítima”, quer seja por meio da contestação direta a pessoas “com influência” nesse universo em foros específicos ou por meio da provocação de debates via editoriais. Essas manifestações tratavam, na sua maioria, de especificidades editoriais, mas também de outras “preocupações” advindas do campo acadêmico:

“A presente edição coincide com o debate que a comunidade científica da área de conhecimento Educação Física leva a termo sobre a relação entre a qualidade

22. Já há muito tempo que os “indexadores” (bases de dados) são referência para avaliação dos periódicos científicos, razão pela qual, a Movimento fez investimentos nessa direção. Sobre isso, ver Comunicado 001/2013 da Área de Educação Física/CAPES, de 19 de fevereiro de 2013, onde afirma-se que são “basicamente dois” (p. 1) os critérios de avaliação dos periódicos: o seu “enquadramento epistemológico” e as “bases de indexação dos periódicos” (p. 1).

de seus periódicos científicos e o processo de avaliação da Pós-Graduação brasileira, empreendido pela CAPES, através da Comissão de Avaliação de Área. Debate que ganha visibilidade no instrumento denominado ‘Qualis’ (disponível em <http://www.qualis.capes.gov.br/>). Nesse instrumento, está atribuído para a Revista Movimento o conceito ‘B nacional’. Consideramos essa avaliação inaceitável, uma vez que esse periódico científico está indexado no Sport Discus – um dos indexadores indicados pelos critérios de classificação do Qualis por área, e atende ‘aos padrões de regularidade e periodicidade na circulação, padrão internacional, quanto ao formato, qualidade de conteúdo, composição do corpo editorial e de consultores, bem como distribuição de autorias e rigor na seleção de artigos’. Cremos que, tomando-se os critérios da avaliação dos periódicos científicos no triênio 2001-2003, e/ou no triênio de 2004-2006, o lugar adequado da Revista Movimento no ‘Qualis’ é ‘C Internacional.’” (Editorial, 2005)

“O que não se discute de modo amplo é: Quem decide quem é o sujeito que avalia? Como ele avalia e o que de fato é o objeto de avaliação? O que é um periódico científico de qualidade para a área de conhecimento educação física? [...]. Se um processo de avaliação como a construção do Qualis não contempla a representação da extensão da área e acaba hipertrofiado em um determinado segmento, não são muitas as possibilidades: ou esse processo está enviesado e precisa ser corrigido, ou está na hora dos segmentos sistematicamente discriminados refletirem sobre um processo de divisão e separação dessa área.” (Editorial, 2006)

O trecho final desse último excerto aponta para uma insatisfação recorrente por parte de uma parcela significativa de atores da Educação Física brasileira, que se refere à hegemonia da área “biodinâmica” nesse universo. Segundo os editores da revista Movimento, se materializava aí uma forma de desigualdade na avaliação dos periódicos da área. Esse aspecto reflete o que interessava (e ainda interessa) a uma grande parte dessa comunidade acadêmica, pois, além de se refletir “na vida” de pesquisadores e editores, os critérios de avaliação dos periódicos podem vir a ter repercussões na formação profissional da área:

“No caso particular da comunidade da qual estamos tratando, como já referimos em outro editorial, uma revista científica tem importante influência sobre o que é (vem sendo) a Educação Física. Não é difícil pensar dessa forma, se identificarmos que é através da produção em periódicos que os programas de Pós-graduação e seus professores são avaliados... que é por essa avaliação que os programas e os professores se mantém em atividade... que isso é determinante na formação dos pós-graduados egressos desses programas... que esses egressos virão a participar dos concursos futuros nas universidades... que são eles que virão a renovar os novos programas de pós-graduação... que eles virão a ser os novos formadores... e assim por diante...” (Editorial, 2009a)

Na busca de chamar atenção para o que considerávamos desigual, nos esforçávamos para “convencer” nossos pares de que o escopo editorial da Movimento se relacionava com uma importante dimensão da Educação Física:

“A cada número editado e a cada artigo publicado dentro de uma determinada perspectiva de ver as coisas da Educação Física, ela provoca a reflexão, o aprimoramento e a renovação de propostas e discursos sobre o que é esta área interdisciplinar. Ou seja, se a pergunta for ‘o que é pesquisa em Educação Física?’, a Revista Movimento responde: ‘é aquilo que os pesquisadores em Educação Física fazem’. E eles pesquisam a partir de várias perspectivas, entre elas aquela que está contemplada na nossa linha editorial.” (Editorial, 2008b)

Foi nessa perspectiva que vimos, de forma otimista, o III Encontro do Fórum Permanente de Pós-Graduação em Educação Física, organizado pelo CBCE e realizado em Florianópolis, em abril de 2009. Juntamente com coordenadores de programas de Pós-graduação em Educação Física, de editores de outras revistas científicas brasileiras e, ainda, de representantes de diversas instituições influentes no meio acadêmico-científico, a Movimento esteve lá representada e participou de discussões sobre a avaliação dos periódicos brasileiros. Tratamos do assunto num dos nossos editoriais:

“Pautados pela idéia de que nenhum periódico específico da Educação Física brasileira se encontra nos estratos A1 e A2 do Qualis CAPES, considerou-se a necessidade de qualificar e incrementar a produção em Educação Física no plano nacional, o que poderia ocorrer pelo investimento/indução de alguns periódicos, a exemplo do que fizeram outras subáreas no âmbito da própria Área 21. As perguntas que, em certa medida, nortearam o debate foram: quais as revistas científicas da Educação Física brasileira que merecem a nossa atenção? Quais delas respondem aos anseios do campo? Em quais delas devemos investir?” (Editorial, 2009a)

Um dos resultados dos debates realizados naquele evento foi assim relatado no mesmo editorial:

“Ficamos, então, muito satisfeitos quando, ao final do Encontro, a Revista Movimento foi a única que, por unanimidade, foi reconhecida como um dos periódicos a receberem a tal indução. Porém, o nosso contentamento não se deu apenas por acreditarmos no trabalho que temos realizado, nem tampouco por entendermos que essa é uma vitória merecida. Mais do que isso, a nossa alegria se vincula à esperança de que a comunidade da Educação Física Brasileira, em especial aquela ligada ao contexto dos programas de Pós-graduação, reconhece a importância do investimento numa revista especializada num olhar sociocultural e pedagógico da área, algo profundamente ligado à nossa intervenção em diferentes espaços sociais.” (Editorial, 2009a)

Apesar do otimismo desse editorial, a Movimento só alcançou a posição almejada em 2011, quando, além de fazer parte dos periódicos indexados no JCR, teve o seu “fator de impacto” avaliado, o que a levou à classificação “A2” no QUALIS/CAPES:

“Para aqueles que têm seguido os movimentos da Revista Movimento, obviamente que entre os acontecimentos de 2011, dois merecem bastante destaque. Inicialmente,

a nossa Revista obteve o Fator de Impacto na avaliação do Journal of Citation Reports (JCR), se colocando entre uma das 20 revistas brasileiras da área da Social Sciences Edition que obtiveram esse índice em 2011. Consequência disso, alguns meses depois, comemoramos a classificação do nosso periódico no extrato QUALIS A2, por indicação da Comissão Qualis Periódico da área 21. São grandes avanços que colocam a Revista Movimento num lugar relevante, capaz de impactar, inclusive na avaliação da produção acadêmica da Pós Graduação em Educação Física no Brasil." (Editorial, 2011b)

Considerações finais

O nosso intento nesse texto foi mostrar – a partir dos editoriais – alguns dos diferentes aspectos que conduziram a revista Movimento por um percurso iniciado com base num conjunto de intenções embrionárias, até os dias de hoje, quando ela se consolida como uma revista indexada em importantes bases de dados e está classificada como A2 no Qualis da EF.

Nas páginas anteriores, desenvolvemos o nosso relato a partir das “realizações” que produziram a Movimento, desde o seu surgimento, quando chamávamos atenção para o nosso “amadorismo”, até o momento atual, quando ela ocupa um “lugar” destacado no campo acadêmico da Educação Física brasileira. Para aqui chegar, não foram poucos os investimentos – pessoais, profissionais, coletivos, individuais – realizados por um grupo de pessoas na consecução de um projeto desta envergadura. Hoje nos permitimos afirmar que implementamos e desenvolvemos um processo editorial bastante próximo do que se esperaria de um trabalho “profissional” no âmbito da difusão da produção científica.

Mas isso não teria sido suficiente, se não tivesse ocorrido um diálogo entre a Movimento e a comunidade científica da educação física, expressa, também, na relação que se construiu com autores e pareceristas ao longo desse processo de consolidação. Dizemos isso por entendermos que, se o reconhecimento de um periódico se constrói a partir de estratégias editoriais adequadas, ele também depende das relações externas que consegue mobilizar. Nessa perspectiva, produzir e consolidar a Movimento se vinculou a “movimentar” colaboradores e, com a ajuda deles, ir compondo cada um dos seus fascículos com artigos interessantes e qualificados, capazes de chamar a atenção de leitores específicos.

Como já dissemos, todo esse processo aconteceu dentro de uma “autonomia relativa” dos editores, esses que – algumas vezes de forma tensa – nunca se furtaram a dialogar com a comunidade e a orientar a linha editorial do periódico em relação ao campo acadêmico da educação física e, em especial, às lógicas da pós-graduação *stricto sensu* vigentes no Brasil. A nosso ver, a revista Movimento vem galgando espaço por ter se constituído em um espaço de publicação de artigos científicos de pesquisadores do campo sociocultural-pedagógico, o que tem favorecido a manutenção dessa especificidade de pensamento e investigação nos programas de pós-graduação em educação física no nosso país. Tendo a convicção de que vivemos num campo acadêmico onde a área de conhecimento da

biodinâmica é hegemônica, consideramos que a “existência” da Movimento tem (ou pode vir a ter) repercussões importantes na formação inicial na área de conhecimento e intervenção, que é a educação física. É nesse sentido que nos arriscamos a afirmar que a revista vem se estabelecendo como um “capital acadêmico”, materializado pelo seu reconhecimento e pela sua influência efetiva nesse campo específico, com possíveis reflexos para o “campo profissional”.

Dentro de alguns limites que são impostos a textos como esse, foi essa história que fomos capazes de reconstruir ao analisar os editoriais da Movimento e tentar trazer um pouco da nossa experiência no “ofício do editor”. Diga-se de passagem, olhando pelo retrovisor, percebemos a riqueza desse material e já indicamos um dos resultados dessa experiência: os editoriais contam histórias... ou, pelo menos, por meio deles, nós nos permitimos contá-las.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Referências

- Bourdieu, P. O campo científico. In: Ortiz, R. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico*. Tradução Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- Editorial. *Movimento*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 4, 2000a.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 4, 2000b.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 6, 2001.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 7, jan./abr. 2002a.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 6, maio/ago. 2002b.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 5, jun. 2003a.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 5-7, set./dez. 2003b.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 5-6, set./dez. 2004.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 5-6, set./dez. 2005.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 5-7, jan./abr. 2006.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 7-10, jan./abr. 2007a.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 7-9, maio/ago. 2007b.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 7-8, set./dez. 2007c.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 7-9, jan./abr. 2008a.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 7-9, maio/ago. 2008b.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 7-9, abr./jun. 2009a.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 7-10, jul./set. 2009b.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 7-8, out./dez. 2009c.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 7, abr./jun. 2010a.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 7-8, jul./set. 2010b.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 7, jan./mar. 2011a.

- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 7-8, out./dez. 2011b.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 10, jan/mar. 2012a.
- _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n.3, p. 8-10, jul./set. 2012b.
- Fraga, A. B. et al. Alterações curriculares de uma escola septuagenária: um estudo sobre as grades dos cursos de formação superior em educação física da ESEF/UFRGS. *Movimento*, Porto Alegre, p. 1-27, 2010. Edição especial.
- Job, I.; Fraga, A. B.; Molina Neto, V. Invisibilidade das revistas brasileiras de educação física nas bases de dados. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Lisboa, v. 1, p. 14-26, 2008.
- Kuenzer, A. Z.; Moraes, M. C. M. de. Temas e tramas na Pós-Graduação em Educação. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1341-1362, set./dez. 2005.
- Malina, A. *Um olhar sobre os intelectuais da educação física a partir do debate epistemológico na Revista Movimento*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2001.
- Manoel, E. J.; Carvalho, Y. M. C. Pós-Graduação na Educação Física Brasileira: A atração (fatal) para a biodinâmica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 389-406, maio/ago., 2011.
- Meneghini, R.; Packer, A. Is there science beyond English? Initiatives to increase the quality and visibility of non-English publications might help to break down language barriers in scientific communication. *EMBO reports*, [s.l.], v. 8, n. 2, 2007.
- Shore, C.. Cultura de auditoria e governança iliberal: universidades e a política da responsabilização. *Mediações*, Londrina, v. 14, n. 1, p. 24-53, jan./jun. 2009.
- Souza, J. L. Editorial. *Movimento*, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 2, 1999-1.
- Stigger, M. P. Editorial. *Movimento*, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 4-5, set. 1994.
- _____. _____. *Movimento*, Porto Alegre, v. 2, n.2, p. 4-5, jun. 1995.
- Stigger, M. P. et al. Revista Movimento: análise dos sentidos e da repercussão de um periódico que “se faz” no campo da Educação Física brasileira. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, p. 113-154, 2010. Número especial.